

NARRATIVAS DE VIVÊNCIAS EM ARTE E CULTURA DAS PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL DA ESCOLA BÁSICA DA UFPB

Erinaldo Alves do Nascimento - UFPB

Adriana Carla de Aquino - UFPB

Ana Claudia Lopes Assunção - UFPB

Teresinha Maria de Castro Vilela - UFPB

Resumo

Este artigo apresenta uma pesquisa, cujo objetivo principal foi conhecer as vivências em arte e cultura das professoras da Educação Infantil da Escola Básica da UFPB. Utilizou-se a entrevista estruturada para coletar as narrativas de vivências em arte e cultura das professoras de Educação Infantil, que atuam no turno vespertino. A pesquisa demonstra a importância de considerar as narrativas de vivências em Arte e Cultura nos encontros de formação com o professorado da Educação Infantil e de qualquer nível de ensino. Vários outros questionamentos são desencadeados relacionados sobre a pertinência e importância da Arte no contexto educacional.

Palavras-chave: memória; ensino de arte; cultura; educação infantil; formação profissional

Resumen

Este artículo presenta un estudio sobre el profesorado de la Escuela Primaria de la UFPB, que operan en la Educación Infantil. La investigación objetiva conocer los recuerdos de las experiencias en el arte y en la cultura de los maestros de la educación infantil que actúan en el turno de la tarde. La investigación evidencia la importancia de considerar las narrativas de recuerdos en arte y cultura en los encuentros de formación con los maestros de la educación infantil e de los demás niveles de enseñanza. Varias preguntas son realizadas sobre la pertinencia del Arte en lo contexto educacional.

Palabras clave: memoria; enseñanza del arte; cultura; educación de niños, formación profesional

Introdução

Provocar as memórias das vivências em arte e cultura das professoras da Escola Básica, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), é muito importante para conhecer o processo de formação profissional relacionado com a Educação Infantil. Oportunizar momentos para falar e ser ouvido pode

colaborar eficazmente na formação profissional. Pode ser uma oportunidade para desencadear lembranças do passado e, ao refletir sobre a relevância das vivências artísticas e culturais, provocar outras maneiras de ver, pensar, dizer e agir no presente.

A rememoração não se trata de reviver o passado e, sim, dar sentido a essas memórias no presente. É uma oportunidade de recorrer ao passado para repensar o presente, “agindo nele de maneira semelhante ou diferente da vivida anteriormente, porém como ação ou sentimento consciente de algo carregado de significado” (FERNANDES, 2002, p.82,83).

Rememorar as vivências também contribui para influenciar o gosto artístico e cultural no exercício da docência, nas escolhas do dia-a-dia e nas práticas educativas. Recorremos a Erinaldo Nascimento (2010, p.34), quando afirma a necessidade de “cada docente e demais membros da comunidade escolar rememorar, quando estiver planejando e ministrando aulas [...]. Essa rememoração pode ser importante para rever projetos e procedimentos”. E continua: “É usar a criança que há em nós para encontrar outras possibilidades educacionais no presente”.

Faz-se necessário ouvir as professoras da Educação Infantil, considerando a importância de suas narrativas em arte e cultura como parte integrante do processo de formação profissional. Neste caso, o foco centra-se na formação artística e cultural destas professoras, desde o Ensino Básico até sua Formação Acadêmica, incorporando diversas vivências propiciadoras de aprendizagem.

Atentar para as narrativas de vivências artísticas e culturais proporciona um espaço de abertura para que as professoras se expressem e rememorem, com o intuito de ouvir e identificar quais destas vivências ainda estão presentes no cotidiano escolar no qual atuam. Entende-se a memória como um processo narrativo no qual se reflete sobre o passado de modo a repensar o presente.

Explorar a memória é uma maneira de refletir sobre o já pensado, o já vivido. É uma oportunidade para ajudar a compreender a condição de possibilidade do

presente, percebendo as persistências e as provocações desencadeadas pelo passado. Rememorar é uma alternativa para, servindo-se do passado, avaliar o presente e até mesmo atualizá-lo. É uma forma de enveredar por novos caminhos e possibilidades.

Sobre “atualização do presente”, Revel (2000, p.21) esclarece, ao tratar dos conceitos foucaultianos, que este autor diferencia “atualidade” e “presente”. Para ele, o presente é impregnado do passado, que continua a atravessá-lo continuamente. A “atualidade” ou “atualização” ocorre quando acontece uma “ruptura” ou uma “irrupção do novo”. A atualidade é quando se “dá lugar a instalação de um novo presente”, quando se permite transformações nas relações de saber e de poder.

Pensar em narrativas é enfatizar as diferentes maneiras e possibilidades de “fabricar”, de “inventar” discursos para explicar, fundamentar ou teorizar qualquer tema relacionado com o presente ou com o passado. É buscar o passado para pensar em oportunidades para “atualizar” o presente.

Bauer e Jovchelovitch (2002) enfatizam que "não há experiência humana que não possa ser expressa na forma de uma narrativa". Martins (2009, p. 33-34) também ajuda a compreender o conceito de narrativa quando considera que, independente da modalidade de suporte ou meio que empregue, organiza-se por uma “sucessão de episódios ou ocorrências de interesse humano que integram uma mesma ação”. Complementa afirmando que não “obedecem a um formato, não se submetem a uma única perspectiva crítica, tampouco se acomodam a modelos estabelecidos...”.

Para o campo das Artes, em especial, faz-se necessário conhecer também as influências artísticas e culturais, que permeiam o ensino de Arte na escola. Ao analisar as narrativas artísticas e culturais do passado e do presente, valorizadas pelas professoras da Educação Infantil, pretende-se colaborar para uma reflexão da prática docente das professoras da Escola Básica da UFPB.

Conhecer as narrativas de vivências artísticas e culturais é importante também porque:

professores (as) narrando suas trajetórias, sua construção, suas decisões revelam, provavelmente, conteúdos e discursos pautados pelas marcas e pela influência da cultura docente - muito diferente da narrativa de vinicultores, enfermeiros ou metalúrgicos. (WITTIZORECKI et al., 2006, p. 11).

Narrativas de vivências culturais: escolhas para a pesquisa

Marco Camarotti, professor de Artes Cênicas da Universidade Federal de Pernambuco, sempre citava que “as fases da vida não são excludentes e sim cumulativas”. Ele ensinava que toda pessoa adulta é também uma criança, pois ela já vivenciou essa fase da vida e jamais poderá descartar essa condição e se essa pessoa conseguir viver com a aceitação dessa criança será uma pessoa mais feliz.

Concordando com Camarotti, esta pesquisa se fundamenta no relato oral de memórias vividas em arte e cultura pelas professoras de Educação Infantil da Escola Básica da UFPB. Dentre as diversas abordagens de pesquisa, optou-se pela qualitativa por entender que se coaduna com o enfoque das narrativas e por favorecer as interações dos sujeitos em consonância com o problema em estudo.

Esta pesquisa foi realizada no período entre abril de 2010 a março de 2011. Teve como provocação a tentativa de responder a seguinte pergunta: Como o professorado de Educação Infantil, da Escola Básica da UFPB, vem vivenciando as atividades artísticas e culturais desde a infância até a Universidade?

Para coletar os dados, empregou-se a entrevista estruturada, com roteiro previamente elaborado. A entrevista foi realizada com professoras de Educação Infantil da Escola Básica da UFPB, que ministram aulas pela tarde. Dentre as cinco professoras deste turno, três se dispuseram a colaborar, as quais foram identificadas como professoras “A”, “B” e “C”. Pretende-se “trazer um conjunto concentrado de informações de diferentes naturezas (conceitos, idéias, opiniões, sentimentos, preconceitos, ações, valores), para o foco de interesse” (GATTI, 2005, p.69).

A escolha da Escola Básica, do Campus I, da UFPB, justifica-se porque é a única tutelada e mantida há 20 anos. Conhecida anteriormente como Creche-Escola do Centro de Educação - da UFPB - foi fundada em 21 de setembro de 1988. Foi criada para atender as necessidades educacionais dos filhos de professores, alunos e funcionários da UFPB e a comunidade circunvizinha, na faixa etária de quatro meses a quatro anos. Desde 1993, a partir da Resolução nº 06/93, vincula-se ao Centro de Educação (CE), com a denominação Centro de Convivência Infantil (CECOI). Em 2008, foi implantado o ensino fundamental com turmas do 1º e 2º ano, advindas do jardim II e alfabetização respectivamente. Atualmente, com a elaboração do novo Projeto Político-Pedagógico, da Proposta Curricular e do Regimento, transformou-se em Escola de Educação Básica, atendendo da Educação Infantil ao Ensino Fundamental I. Outro motivo que justifica a sua escolha é que pretende inovar em sua proposta teórico-metodológica e adotar o planejamento participativo a partir de temas geradores que emergem da realidade dos educandos, vistos como sujeitos sociais capazes de produzir conhecimentos.

Conhecendo as vivências em arte e cultura das professoras de Educação Infantil da Escola Básica da UFPB

Provocar a elaboração das narrativas de vivência em arte e cultura é uma maneira de valorizar as experiências neste campo relatadas pelas professoras mencionadas. Trata-se de uma narrativa tópica, uma vez que foi focada nas experiências de arte e cultura. As entrevistas permitiram às informantes, consideradas colaboradoras, retomarem suas vivências de forma retrospectiva e reflexiva.

Neste sentido, pretende-se proporcionar uma redescoberta do que vem sendo trabalhado pelas professoras em sala de aula e uma reflexão sobre as influências das vivências artísticas e culturais em sua atuação docente.

Ao falar de vivências em arte e cultura relacionadas com o passado, faz-se necessário compreender a dimensão dinâmica do processo cultural, pois...

...cada cultura sofre em situação de contato cultural, processo de desestruturação e depois de reestruturação, é em realidade o próprio

princípio da evolução de qualquer sistema cultural. Toda cultura é um processo permanente de construção, desconstrução e reconstrução. O que varia é a importância de cada fase, segundo as situações. (CUCHE, 2002, p.137).

Mediante uma organização do material colhido nas entrevistas com as professoras, a análise abrangeu dois aspectos:

- 1 Análise do contexto histórico do ensino das artes no Ensino Básico vivenciado pelas professoras;
- 2 Análise dos aspectos artístico-culturais, vivenciados pelas professoras, que influenciaram em sua prática educativa. Procurou-se observar, neste momento, a formação acadêmica e a diversidade de experiências vividas e conseqüentemente a relação com a prática docente.

O contexto histórico do ensino de artes vivenciado pelas professoras

Em relação à formação acadêmica das professoras entrevistadas, tornou-se possível identificar que duas professoras (“A” e “B”) possuem formação em Pedagogia, e uma (“C”) em Letras. Observa-se, a partir desta informação sobre o gênero e a formação profissional em Instituições de Ensino Superior, a persistência de uma tradição, que permeia todo o ensino Básico, especialmente à Educação Infantil e o Fundamental, sobretudo nas séries iniciais. Referimo-nos à adoção de uma única professora, do sexo feminino, para ensinar todas as matérias, opção comumente conhecida como “polivalência”.

A polivalência tem um consistente respaldo histórico, uma vez que foi muito reforçada pelo projeto educacional jesuítico, adotado, a partir do século dezesseis, associado ao processo de colonização do território brasileiro. A respeito da polivalência, Nascimento (2010) afirma que professoras generalistas (que tratam, sozinhas, das diversas disciplinas na Educação Infantil e nas séries iniciais) e especialistas (professores habilitados para atuar com mais profundidade e diversidade numa determinada “área” ou “campo” de conhecimento) parecem desconhecer ou desconsiderar as alternativas e as contribuições de uma atuação docente pautada na concentricidade e na

interdisciplinaridade no ensino de Artes, distinção difundida há bastante tempo por Barbosa (1988).

A atuação concêntrica pode ser definida como uma atuação educacional que, a partir de uma determinada “área” ou “campo de conhecimento” permite conhecer ou explorar as demais. Trata-se de uma interface de conhecimento, permitindo, a partir do aprofundamento de uma “área ou campo de conhecimento”, perceber as possíveis e prováveis relações com as demais.

A atuação interdisciplinar pressupõe uma ação coordenada de cooperação e diálogo entre o professorado das várias “disciplinas” e/ou com outros profissionais da escola e da comunidade. Consideramos as interfaces entre as linguagens artísticas um procedimento importante, viável e necessário, desde que se respeite a formação inicial e que se esteja aberto ao diálogo das “áreas” ou “campos” de conhecimento com outras e/ou com outros profissionais.

Quanto à feminização da carreira docente, reconhece-se também que é raro encontrar professores do sexo masculino ocupando tal função na Educação Infantil e nas séries iniciais, não sendo um caso isolado da Escola Básica da UFPB. A presença do sexo feminino, atuando como docente, nesta faixa de ensino é tão comum, que está “naturalizada”, tornando difícil pensar diferente.

A feminização da carreira docente tem sido pauta de discussão de diversos autores, como Novaes (1984), Apple (1995) e Arce (1997). Estes autores tentam explicar os motivos que historicamente fomentaram o processo de feminização da carreira docente. Defendem que esta profissão ficou marcada pelo preconceito e pelo estereótipo social. Ficou associada como uma “profissão feminina”. Os componentes de “cuidar” e “servir”, associados ao magistério das séries iniciais, atuaram como fatores de segregação e interdição sexual. Estas concepções contribuíram para o afastamento dos homens da profissão e refletem-se também nos baixos salários. O magistério vem se definindo e perpetuando como “missão feminina” desde o período de consolidação como profissão até os dias atuais em que se constata flagrantemente a maioria de mulheres nesta função.

A formação docente e o Ensino da Arte na Educação Escolar

Dentro desse contexto, podemos identificar nas falas das professoras atividades ou vivências curriculares, que estão relacionadas com momentos históricos do ensino das Artes no Brasil. Quando se perguntou sobre as experiências que tiveram com o ensino de artes ao longo de sua formação como estudantes, afirmaram:

Tive do quinto ao nono ano, mas eram artes manuais, [...] aprendi a pintar panos de pratos, a fazer abajur, a fazer boneca"... . O colégio era estadual, a gente tinha uma sala que era só pra isso. Fazia muita pintura, pano, pintava fralda, aprendia a fazer crochê, iniciava a fazer ponto de cruz, era coisa bem artesanal mesmo, bem manual, abajur, agendinha encapada de tecido, essas coisinhas assim... (Professora "A").

O ensino dos trabalhos manuais passou a ser adotado, no Brasil, a partir da década de 1910, tendo, ao lado do ensino das Artes Aplicadas, uma preocupação com uma "educação para o lar". Conforme Nascimento (2005), a orientação centrada nas manualidades não era exclusiva da educação brasileira, mas se coadunava, internacionalmente, com exigências discursivas e políticas da época. Pretendia formar um gosto popular e barato centrado na atividade manual.

A inclusão da Educação Artística, na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) nº 5692/71, como atividade obrigatória, também incorporou os trabalhos manuais como atividades para a sala de aula. Sobre esta mudança, é possível afirmar que...

"... Os professores de Desenho, Música, Trabalhos Manuais, Canto Coral e Artes Aplicadas, que vinham atuando segundo os conhecimentos específicos de suas linguagens, viram esses saberes repentinamente transformados em "meras atividades artísticas" (FUSARI e FERRAZ, 1993, p.37).

Há outra afirmação na fala da professora "A", que estudou Artes, na ocasião chamada de "Educação Artística", do quinto ao nono ano. Fato relatado por outra professora, ao responder à pergunta "você estudou artes na escola formal?": *"Sim, nas séries da 5ª a 8ª, na Escola Pública da cidade de Boa Vista, em Roraima" (Professora "C").*

O ensino da *Educação Artística*, com suas respectivas implicações educacionais, foi oficializado pela lei nº 5692, de 11 de agosto de 1971, que no

seu art. 7º declarava: “será obrigatória a inclusão de Educação Moral e Cívica, Educação Física, *Educação Artística* e Programas de Saúde nos currículos plenos dos estabelecimentos de 1º e 2º graus...

A despeito de a lei preconizar sua obrigatoriedade em todo o Ensino Básico, tradicionalmente ficou restrito ao Fundamental II. Para ensinar, naquele momento, exigia-se um profissional polivalente, capaz de trabalhar com atividades expressivas, em artes plásticas, cênicas, desenho e música, focadas na liberação e exteriorização do mundo interior dos estudantes. Tal profissional deveria ser ciente de que o processo educacional era mais importante que os resultados.

Com a obrigatoriedade da “Educação Artística” nas escolas, criou-se um problema: não havia professores formados nessa área. Os cursos de Educação Artística só foram criados a partir do ano de 1973. Os professores de Desenho, Trabalhos Manuais e de outras disciplinas foram contratados para lecionar a matéria. Com isso, o conteúdo da disciplina ficava prejudicado. Isso se refletiu na vivência das professoras que narram suas experiências com Artes da seguinte maneira:

“Não lembro muito das atividades. Só de atividades com cores e pinturas. Infelizmente não tive. Adoro artes. Lembro de uma atividade que adicionava cores. Trabalhava com cores quentes e frias” (Professora “B”).

“Não tive (Artes). Do quinto ao nono ano, mas eram artes manuais...” (Professora “A”).

Essa imprecisão sobre a disciplina não está presente, apenas, na memória das professoras. Alguns estudos apontam o mesmo problema, como se pode observar adiante:

...Desde a sua implantação, observa-se que a Educação Artística é tratada de modo indefinido, o que fica patente na redação de um dos documentos explicativos da lei, ou seja, o Parecer nº 540/77: “não é uma matéria, mas uma área bastante generosa e sem contornos fixos, flutuando ao sabor das tendências e dos interesses”... Contraditoriamente a essa diretriz um tanto escolanovista, os professores de Educação Artística deveriam explicitar os planejamentos de suas aulas com planos de cursos onde objetivos, conteúdos, métodos e avaliações deveriam estar bem claros e organizados. (FUSARI e FERRAZ, 1993, p. 37-38).

A falta de clareza dos fundamentos da disciplina Artes, antes denominada Educação Artística, contribuiu para causar certa “confusão” na mente das professoras, que estudaram entre as décadas de 1970 a 1990.

É possível identificar, ainda, uma mistura de tendências metodológicas modernistas com procedimentos mais contemporâneos, comprovando uma flexibilidade excessiva, que termina, de alguma maneira, resvalando no trabalho educacional adotado pelas professoras da Educação Infantil da Escola Básica da UFPB.

“Atividades teóricas sobre história da arte e práticas como: desenhos e atividades relacionadas com as datas comemorativas” (Professora “C”).

“A única coisa que eu gostei da aula foi quando ela trabalhou Tarsila de Amaral, ela fez aquele quadro com a gente, os ‘Operários’. Pronto, aí eu trouxe e fiz com a turma, mas eu fiz esse ano (2010)” (Professora “A”).

Apesar de um melhor detalhamento dos conteúdos nesses relatos, em relação aos outros anteriormente explicitados, é possível notar a persistência e insistência com as datas comemorativas e o uso de uma imagem de Tarsila do Amaral, artista modernista, cuja atividade virou uma “febre”, um procedimento corriqueiro entre os professores que trabalham com Artes nas escolas.

Em relação ao ensino de Arte na contemporaneidade, é possível identificar alguns procedimentos, bastante valorizados a partir de 1990, que tentam aproximar o contexto escolar do universo das artes, incluindo “aulas-passeio” e “visitas guiadas”, como se depreende das falas das professoras:

“Aí teve, também, um professor de artes, artes cênicas, acho que é que trabalhou teatro, movimento de corpo, que trabalhava muito a dinâmica na sala de aula, foi muito bom!” (Professora “A”).

“Visitei o museu em Campina Grande chamado Assis Chateaubriand. Era uma exposição sobre telégrafo. Fui também ao teatro”... (Professora “B”).

“Diz ela também que realizam aulas extraclasses durante o ano é feito um planejamento para sair pelo menos duas vezes ao ano em locais a serem definidos de acordo com a programação da escola, como: Estação ciência, Praia do Jacaré e aeroporto” (Professora “C”).

A visita aos espaços expositivos, de forma planejada, é outra característica da disciplina Artes na contemporaneidade, que é citada pelas professoras entrevistadas. A arte/educação é “um capítulo interessante da história do ensino da arte dos departamentos educacionais dos museus e centros culturais” (BARBOSA, 2009, p. 17). A autora ainda complementa que essa atividade “foi prática freqüente nos grandes museus como o MAM do Rio, com os Domingos de Criação e com o ateliê livre de Ivan Serpa”. Barbosa cita também “o Lasar Segall e o MAC/SP, a partir do fim da década de 1980, foram muito influentes na formação dos professores de arte introduzindo-os à condição pós-moderna”.

Ana Mae Barbosa foi entrevistada no programa “Ação”, pelo apresentador Serginho Groisman, em 2008, sobre a situação do ensino de arte nos anos 2000. Ela respondeu que avançou, mas, ainda temos muito que fazer. E esta é a necessidade que temos ao analisar as falas das professoras, à luz da História do Ensino da Arte. Outro aspecto a destacar é que as professoras “A” e “C” não participaram de atividades de artes na escola formal, nem de outros tipos de atividades promovidas por outras instituições. Apenas a professora “B” vivenciou tais experiências, mas sem maiores desdobramentos pedagógicos, como nos relata a seguir:

“Visitei o museu em Campina Grande chamado Assis Chateaubriand. Era uma exposição sobre telégrafo. Fui também ao teatro” (...) “A gente ia, fazia a atividade e não tinha desdobramentos na sala de aula. Eu gostava porque saía da rotina. Era coisa nova. Não tinha continuação na sala de aula”.

Ela acrescenta que realizou atividades de Teatro, no ensino médio e no Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET).

Sobre as experiências com arte vivenciadas a partir do contexto escolar, as Professoras “B” e “C”, em geral, qualificam as experiências como “positivas” e “prazerosas”. A Professora “A”, entretanto, afirma que “nem foram positivas nem negativas”.

Observamos que, na formação pessoal e profissional da Professora “A”, são apresentadas algumas “lacunas”, que podem justificar a dificuldade de atribuir

valor às atividades artísticas e culturais vivenciadas. Sua pouca relação com as artes é justificada como: *“eu sempre morei no interior, meu pai era militar, então era delegado de cidades pequenas, muito pequenas, então não tinha [esse tipo de vivência]”*. E prossegue respondendo, que visitou um teatro quando veio morar na cidade de João Pessoa, e quanto à exposição de arte, teria visitado pela primeira vez, no ano anterior à nossa entrevista.

Vivências em arte e cultura e apropriações didáticas

Para continuar a análise, propusemos, então, que as professoras discorressem sobre suas experiências em arte e cultura, relacionando com suas práticas como docentes, a professora “C” relatou o seguinte: *“não havia pensado nisto antes, nas atividades que vivenciei em artes nas escolas e na comunidade. Não lembro o quanto estas atividades foram prazerosas”*.

A entrevista parece ter ajudado a despertar algumas lembranças e refletir porque não proporcionava tais experiências a seus alunos. Percebeu, naquele momento, que havia muitas coisas que aprendeu que poderia adaptar as suas aulas. Relatou que suas aulas eram mais contação de histórias, mostrando algumas gravuras. Explorava, ainda, desenhos relacionados à história que ouviu ou os chamados “desenhos livres”. A professora “C” surpreende, ainda, quando considera que a entrevista contribuiu para instigar a necessidade de trabalhar mais arte com seus alunos, trazendo muitas destas experiências que vivenciou.

Esta pesquisa ajuda a confirmar outro processo de interpretação, que pode ser desencadeado quando se dá a oportunidade de ouvir e valorizar as experiências trazidas pelas professoras. Provoca, inclusive, a necessidade de repensar o processo de educação continuada, atentando para a valorização das experiências vivenciadas pelo professorado.

Ainda na fala da Professora “C”, é possível identificar que, atualmente, ela participa com a filha de diversas atividades culturais, e que, na Escola Básica da UFPB, participa de aulas extraclases. Enfatiza que são realizados planejamentos para que, pelo menos duas vezes ao ano, realizem visitas com

a turma para pontos das cidades da Paraíba, merecendo destaque a Estação Ciência, Cultura e Arte, a Praia do Jacaré e o Aeroporto, em Bayeux.

Entende-se que a vivência em arte e cultura, como parte integrante do processo de formação continuada, está integrada à concretização da cidadania, uma vez que...

...frequentar os diferentes espaços de cultura e expressar-se culturalmente é [sic] direito de todo o cidadão; mais do que tornar-se melhor professor/educador, todos têm o direito a aceder ao conhecimento. Sem dúvida, um sujeito com experiências mais variadas, mais plurais, terá também possibilidade de oferecer/favorecer experiências diversas às crianças com as quais convive (LEITE, 2001, p.42-43 apud MACHADO, 2006, p. 98-99).

A respeito das experiências em arte e cultura, perguntou-se se influenciam no ensino de Artes na escola. Uma das entrevistadas respondeu que corrobora para:

...valorizar o trabalho das crianças. Eles fazem seus trabalhos e mesmo que fiquem "tortos", devo respeitar, pois é a produção deles. Há professores que fazem os trabalhos para as crianças, mas as crianças aqui fazem os delas. Eu trabalho com elas com filmes, desenho animado, de forma crítica. Gosto de trabalhar com o novo. Com as crianças de cinco anos trabalhei com curtas-metragens. [...] Eram curtas com eixos temáticos como amizade, folclore, cultura popular, respeito. Os curtas são curtos e intensos, então a criança poderia aproveitar do conteúdo sem se cansar. Depois, conversamos. Eles fizeram textos. Foi muito bom! (Professora "A")

Um ponto comum que identificamos nas respostas é que, apesar de não serem especialistas em artes, as professoras entrevistadas buscam "soluções" para encontrar alternativas para ensinar arte. A professora "A" argumenta: *"tenho que pesquisar muito. Eu não posso fazer nada sem pesquisar. Tento que fazer pesquisa na Biblioteca Central, na internet e em alguns livros na escola"*.

Buscar ajuda de uma colega, que é professora de artes atuante, é a alternativa encontrada pela Professora "B". Com a colega, ela procura tirar algumas dúvidas. Seguindo este pensamento, a Professora "C" acrescenta que *"gostaria de participar mais de experiências em arte e cultura"*.

Algumas palavras finais

Esta pesquisa, focada nas narrativas de vivências em arte e cultura das professoras de Educação Infantil da Escola Básica da UFPB, provoca algumas reflexões bastante interessantes e pertinentes. Após sua realização, é possível afirmar que qualquer processo de formação continuada não pode prescindir de considerar as vivências das professoras de Educação infantil, das séries iniciais e dos demais níveis de ensino. O professorado, de qualquer nível de ensino, precisa ser visto e tratados como protagonista, como sujeitos detentores de uma rica e complexa trajetória de vida e de aprendizagem.

As memórias do professorado, dos vários níveis de ensino, se não forem empregadas apenas como saudosismos, ajudam a compreender e modificar várias atitudes, valores e procedimentos adotados no presente. É plenamente possível usar o passado para compreender, repensar e modificar o presente. Conhecer as narrativas de vida do professorado ajuda a evitar o equívoco costumeiro de culpabilizar tais profissionais como os únicos responsáveis pelos sucessos e fracassos do sistema educacional. Suas narrativas ajudam a compreender suas potencialidades e necessidades de aprendizagem.

Esta pesquisa também ajuda a questionar a solidão docente e a necessidade de partilhas constantes sobre o percurso, as motivações, as vivências e as escolhas dos docentes de uma mesma instituição, bem como de diferentes instituições educacionais.

Outro aspecto a ser levado em consideração diz respeito aos intercâmbios de conhecimentos proporcionados entre pesquisadores e pesquisados, compreendendo que ambos interagem e aprendem no processo de investigação.

Reforça, portanto, a importância do professorado de Educação Infantil, bem como dos demais níveis de ensino, de ter experiências significativas com a arte e com a cultura. Mesmo quando não forem professores de Artes é fundamental que tenham contatos ou que sejam assessorados por professores deste campo de conhecimento, principalmente com o respaldo da instituição. Não se pode

deixar que o intercâmbio do professorado, que atua na Educação Infantil, com o professorado seja apenas fruto de um esforço individual. É preciso que seja instigado e fomentado também por uma atuação institucional.

A pesquisa ajuda também a questionar: Por que professores de Artes não podem ser contratado para ensinar na Educação Infantil se a LDB, no artigo 26, parágrafo 2º, afirma que o ensino de arte é componente curricular obrigatório nos diversos níveis de ensino? Por que só contratar pedagogos e professores de Letras para atuar na Educação Infantil? Por que não amenizar a solidão docente das professoras de Educação Infantil formando parcerias com professores de Artes? Se a vivência com a arte e a cultura é importante por que não agir com coerência mediante a contratação de professores de Artes e assessores deste campo de conhecimento para colaborar com a Educação Infantil e nas demais séries iniciais?

A pesquisa também revela e desvela que um ensino de Arte, desde o Ensino Básico, que seja capaz de promover experiências ampliadoras do horizonte de expectativas do alunado, é capaz, inclusive, de repercutir e interferir nas opções e no exercício de profissões futuras, entre as quais se inclui a carreira docente.

Referências:

APPLE, M. **Trabalho docente e textos: Economia Política e Relações de Classe e Gênero na Educação.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

ARCE, A. **Jardineira, Tia e Professorinha: a realidade dos mitos.** 1997, 128 p. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS, 1997.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no Ensino da Arte: anos 1980 e novos tempos.** 7ª edição São Paulo: Perspectiva, 2009.

_____. **Arte-educação : conflitos|acertos.** 3ª ed. São Paulo: Max Limonad, 1988.

BAUER, M.; JOVCHELOVITCH, S. Entrevista Narrativa. In: BAUER, M.; GASKELL, G.. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som.** Petrópolis: Vozes, 2002.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas: magia e técnica, arte e política.** Trad. Sérgio P. Rouanet. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.

BRASÍLIA. **Lei de Diretrizes e Bases** nº 5692. Distrito Federal, 1971.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais.** São Paulo, Ed. EDUSC, 2002.

FERNANDES, Renata Sieiro. **Cadernos Cedex**, ano XXII, nº56, Abril/2002.

FUSARI, Maria F. de Resende e. FERRAZ, Maria Heloísa C. de T. **Arte na Educação Escolar**. São Paulo: Cortez, 1993.

GABRIEL, Carmem Teresa. A identidade (nacional) na berlinda: uma forma possível de entrar no debate em torno da educação intercultural. In: CANDAU (Org.) **Cultura(s) e Educação**: entre o crítico e o pós-crítico. Rio de Janeiro, DP&A, 2005.

GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília, Ed. Liber Livro, 2005.

LEITE, Maria Isabel apud MACHADO, Adriana de Almeida. O seu olhar melhora o meu: o processo de monitoria em exposições itinerantes. In: LEITE, Maria Isabel; OSTETTO, Luciana E. (Orgs.). **Museu, educação e cultura**: encontros de crianças e professores com a arte. São Paulo: Ed Papirus, 2006.

MARTINS, Raimundo. Narrativas visuais: imagens, visualidades e experiência educativa. **VIS Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes da UNB – Imagens em deslocamento**: educação e visualidade. Brasília: Editora Brasil, v.8, n.1, p. 33-39, janeiro/junho, 2009.

NASCIMENTO, Erinaldo Alves. Visualidade e infância até seis anos: versões em imagens e os desafios da educação infantil. In: MARTINS Raimundo; TOURINHO Irene (Orgs.). **Cultura Visual e Infância**: quando as imagens invadem a escola. Santa Maria, Ed. da UFSM, 2010.

_____. **Mudanças nos nomes da arte na educação**: qual infância? que ensino? quem é o bom sujeito docente? São Paulo, 2005, Tese (Doutorado em Artes), Universidade de São Paulo.

NOVAES, M. E. **Professora Primária**: Mestra ou tia. São Paulo: Cortez, 1984.

PADILHA, Elizete Aikawa. **Desafios e possibilidades do ensino de arte nas séries iniciais**: uma pesquisa simbólica. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade da Cidade de São Paulo (UNICID), 2007.

REVEL, Judith. **Foucault** : conceitos essenciais. São Carlos: Claraluz, 2005.

ROSITO, Margaréte May Berkenbrock. **Revista @mbienteeducação**, São Paulo, v. 2, n.2, p. 4-8, ago./dez. 2009.

WITTIZORECKI, Elisandro Schultz, et al. Pesquisar exige interrogar-se: a narrativa como estratégia de pesquisa e de formação do(a) pesquisador(a). **Movimento em Foco**. Porto Alegre, v.12, n. 02, p. 09-33, maio/agosto de 2006..

Erinaldo Alves do Nascimento

Doutor em Artes pela ECA-USP, com intercâmbio com a Universidade de Barcelona (Espanha). Mestre em Biblioteconomia (UFPB) e Graduado em Educação Artística (UFRN). Professor do Departamento de Artes Visuais e Coordenador do GPEAV-DAV-UFPB. É autor do livro “Ensino do Desenho: do artífice/artista ao desenhista auto-expressivo” (2010), Coordena o blog “ensinando artes visuais”. E-mail: erinaldo_alves@hotmail.com.

Adriana Carla de Aquino

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Especialista em Arte/Educação pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Formada em Educação Artística - Artes Cênicas e Artes Plásticas (UFPE). Professora de Artes da Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco e da Prefeitura Municipal de Jaboatão.

Ana Claudia Lopes Assunção

Mestranda em Artes Visuais na UFPB/UFPE, especialização em Arteterapia pela Clínica POMAR/RJ, graduada em Licenciatura em Ed. Art. habilitação em Artes Plásticas UFPE, professora do curso de Licenciatura em Artes Visuais da URCA/CE, é membro do Grupo de Pesquisa em Ensino das Artes Visuais da UFPB (GPEAV/DAV), em Arteterapia e Educação em Artes Visuais (GPAEAV/CNPQ). E-mail: anaclaudia_pb@hotmail.com

Teresinha Maria de Castro Vilela

Mestranda em Artes Visuais na UFPB/UFPE, com especialização em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela UnB, graduada em Educação Artística com habilitação em História da Arte pela UERJ. Participante do Grupo de Pesquisa Ensino em Artes Visuais (GPEAV/DAV/UFPB). Professora de Artes da Rede Municipal de Duque de Caxias-RJ. E-mail: artecaxias@uol.com.br.